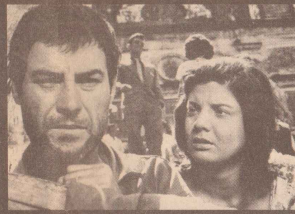


# 100 ANOS DE JK

Fotos: Reprodução

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

3º CADERNO



Neil Hamilton

# NUNCA FOMOS TÃO FELIZES



O sentimento cresce com o passar do tempo: os anos de Juscelino Kubitschek no poder não deveriam ter terminado nunca. A bossa nova, o cinema novo. A poesia concreta, a arquitetura erguida pelo concreto.

O país viveu um período de rara e intensa efervescência cultural. E o Correio conta como foi essa história no terceiro caderno de uma série de seis suplementos mensais em homenagem ao centenário de nascimento do homem que gostava de serenatas e não se intimidava ao lado de grandes intelectuais. O comandante de um Brasil reerguido da mão de ferro de Getúlio Vargas e prestes a mergulhar na escuridão de uma ditadura militar.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

## NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

A classe média brasileira experimentou uma revolução de costumes nos anos 50. Ainda sob o império do rádio, o país parou para acompanhar a conquista da Copa de 1958, na Suécia

# Nasce um novo país

TT Catalão

Da equipe do Correio

Arquivo Nacional

**O** mito da época de Juscelino Kubitschek como sinônimo de anos felizes acentua o deleite de quem almoçava e jantava, mas nem a miséria era assim um peso tão desesperador, pois se acreditava na possibilidade de melhorar. Abismos sociais possuíam atalhos. O ópio era farto. O Nordeste, por exemplo, era castigado por mais uma terrível seca em 1958, com flagelo e fome, mas nem por isso deixava-se de gritar gol na Copa redentora da Suécia.

Zé Trindade reinava ainda como ator de chanchadas e rei dos bordões, tipo os da dona Jura, hoje, com o seu "não é brincado, não". Zé detonava com "borogodó", "o que é a natureza" (quando passava uma boazuda), "comigo é no jiló - jota-jinh-i-acento no ó - traço de união-beterraba". Concurso de miss servia para mostrar o corpo - acesso privilegiado só para o pessoal da beira-mar. Camisa de malha apertada delineava contornos. Coisa que a miss Adalgysa Colombo sacou e usou truques para acentuar seu belo corpo: tirou a maquiagem opaca do concurso, passou óleo Johnson para dar brilho (como se estivesse saindo de um banho) e fez um coque revelando a nuca, para muitos altíssima



Adalgisa Colombo sacou e usou truques para encantar seu belo corpo: tirou a maquiagem opaca do concurso, passou óleo Johnson para dar brilho (como se estivesse saindo de um banho) e fez um coque revelando a nuca, para muitos altíssima zona erógena. Ainda deu uma cavadinha no maiô em direção sagrada: as virilhas pudicas, certamente sob a fragrância do Cashmere Bouquet ou do trio maravilhoso Regina — talco, sabonete e desodorante.

A camisa Volta ao Mundo ou Baylon dava os contornos para o macho que ainda acreditava em bíceps para mostrar virilidade. Na mulher valia o corpo violão, coxas grossas, as "pernocas das certinhas do Lalau" incendiavam a diversão solitária de milhares de jovens que só beijavam as namoradas pra valer quando ficavam noivos. Pegar na mão já era amasso comprometedor.



APARELHO DE TV PHILCO, A GRANDE NOVIDADE DOS ANOS 50

CADILLAC ELDORADO CONVERSÍVEL DE 1959: FARÓIS DUPLIS E VISUAL INSPIRADO NO AVIÃO LOCKHEED



Sérgio Porto era o Stanislav Ponte Preta que listava as certinhas, em sua maioria vindas do Teatro Rebolado, ou as vedetes da Praça Tiradentes lideradas por Virgínia Lane (queridinha de Vargas), Anilza Leoni, Angelita Martínez (a do Jango), Mara Rúbia, Elvira Pagã, e a mais radical, Luz del Fuego (Dora Vivacqua), que em 1956 cria o primeiro clube de nudismo do país na Ilha do Sol, a 15 minutos de Paquetá, no Rio. Enrolada em cobras, desafiava quem as matasse sem esmorecer o porrete. As vedetes vibravam em 1954 com a miss Marta Rocha (derrotada nos EUA para o Miss Mundo por ter duas poelagadas a mais nas famosas pernocas bem-nutridas).

#### UMA NOVA MULHER

**O** bambolé, uma febre modista que incitava o rebolado sob a justificativa de se fazer girar um ar de plástico, foi lançado pela vedete mais "violão" do país, a Tereza Costello, hoje vovó extremada em Minas Gerais. Porém, surgiu uma nova mulher. Na Bossa Nova a mulher era musa pela primeira vez, namorada, carinhosamente ativa, não mais traidora, pífida e ingrata ou submissa. A cantora Maysa encarnava essa rebeldia desganhada e comprava briga a sapatadas para ser livre. Ofendia-se a mulher com termos como bagulho ou canhão.

Elogiava-se, ainda pelos atributos físicos, como um pedaço (de mau caminho, dependendo da volúpia em jogo), uma uva, garota enxuta, boazuda etc. Mas iniciava-se a presença reconhecida da companheira, amada, cantadas ao pé do ouvido, pois ainda se dançava de rostinho colado (tendo os rapazes cuidado para prender o bi-

cho com as terríveis cintas Big que impediam volumes vexaminosos no salão).

Em 1956, o padrão de sonho na linha Cinderela era Grace Kelly reinando sobre Mônaco. Espécie de Lady Di, feliz. Primeiros moddês usados com alívio e a primeira garota propaganda na tevê, Neide Aparecida, fazia comerciais ao vivo, suando com gelaadeiras travadas, fogões que não acendiam, liquidificadores mudos. Mas ela sempre escapava na saia-balaço.

*O Cruzeiro*, líder absoluto que se gabava do recorde de tiragem pela venda de 790 mil exemplares da edição especial sobre a morte de Vargas, tinha as garotas do Alceu como padrão que ditava moda e modéltos. O iniciante Millôr fazia as legendas. Alceu inspirou-se em uma seção do *Saturday Evening Post*, as Gibson Girls dos anos 30. Millôr também fazia o Pif-paf, página cibernética, anos antes do computador. *O Cruzeiro* de Chatô era tão poderoso que aliciou o policial que chefiava a escolta da seleção cana-

rinho recém-campeã do mundo para desviar o cortejo do Palácio do Catete, onde o presidente JK aguardava-os, e fez os campeões passarem primeiro na redação da revista. Chatô exultava: "Chatô 1 x 0 JK", conta Acioly Neto em seu livro sobre os bastidores da revista, publicado pela editora Sulina.

#### ENTRE O CHIQUE E O CLICHÊ

**E**ntre as revistas classificadas, a *Senhor* era a que mais dava o tom JK de estadista e Brasil contemporâneo. A *Manchete* também é lançada como um passo gráfico à frente de *O Cruzeiro* ao usar a cor: se a tevê, iniciada no Brasil em 1950, trazia a imagem PB para competir com *O Cruzeiro*, a *Manchete* mostrava o mundo colorido. Mas as mídias se completam, não se anulam. Tudo bailava entre o chique e o clichê. Com Flávio Carvalho chocando SP de saia, na rua.

## TERCEIRO CADERNO

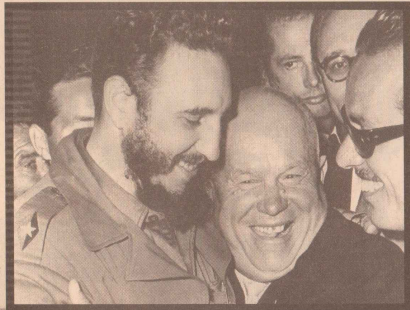
Nunca Fomos Tão Felizes é o terceiro caderno da série de seis publicações mensais do *Correio Braziliense* em homenagem aos cem anos de Juscelino Kubitschek, nascido em 12 de setembro de 1902. A relação de JK com Brasília foi o tema da primeira publicação. Ele e Nós, que circulou no dia 17 de abril. No mês de maio, foi a vez de Juscelino e o Poder, com análise da trajetória política do presidente. Os próximos suplementos serão: A Vida de JK em Quadrinhos (17 de julho). Os Últimos Dias de JK (14 de agosto) e A Influência de JK no Brasil Contemporâneo (11 de setembro). Todos os cadernos são publicados nas edições de quarta-feira do *Correio*.

CADEIRA FORMIGA, CRIAÇÃO DE 1951 DO DINAMARQUÊS ARNE JACOBSEN, COM HASTES DE AÇO



BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

Mary Lederhandler / AP / 1960



FIDEL CASTRO E NIKITA KRUSHCHEV: SOCIALISMO GANHA TOM FESTIVO NO BRASIL

“Radicais” da esquerda festiva comentavam que, se a revolução chegasse, o Rio daria uma festa de despedida. O máximo que os chamados “socialistas de boite” (termo do Paulo Francis) chegavam da então URSS era comer um caríssimo frango à Kiev no Sacha’s. Em 25 de fevereiro, Khrushchev denuncia os crimes de Stalin no XX Congresso do PC e dá o primeiro toque na demolição do império soviético. Mas no Jockey Clube do Rio o *high society* afirmava-se em chapéus ornamentais para os *sweepstakes* ou GP Brasil. Miseravelmente vencidos na maioria por cavalos argentinos. Cavalos perdidos só viria anos depois.

Vivia-se ainda sob o império do rádio. A TV Philco era o aparelho maior e só chegava as “estupendas 21 polegadas”. Antonio Maria e Rubem Braga eram os cronistas que faziam o lírico sem perder a informação. *Repórter Esso* com Heron Domingues, o principal voz da credibilidade. Os primeiros símbolos da juventude eram Flávio Cavalcante e J. Silvestre com “O Cão é o Límite”. A *Revista da Pátria*

dio impresso com focos sobre Cauby Peixoto e a armada “briga” entre Emilinha e Marlene. Uma *Caras* decente. Em São Paulo, o telúrico Adoniran lança a obra-prima *Iracema* em 1956, o mesmo ano em que se faz a primeira transmissão de tevê do Rio para Sampa: um amistoso entre Brasil x Itália. Ponte aérea, só em 1959.

Invictus era o primeiro transistor, capa de couro, o mesmo em que JK ouviu a final da Copa de 58 (Brasília é pé-quente) no Brasília Palace. O primeiro computador era um Remington Rand (que aqui lançava o barbeador elétrico), criado em 1951, pesava 7 toneladas e possuía 5 mil válvulas.

### UM PAÍS SOBRE RODAS

JK instalava o país sobre rodas em 1958. O primeiro carro passeio, Dkw-Vemag, com 50% de peças nacionais. O carro individual era um símbolo cultural inquestionável. Iniciava-se a formação da juventude como entidade ou poder, ou melhor, mercado consumidor. O lançamento nos cinemas de *O Balanço das Horas* com Bill Haley e seus Co-metas colocava o jovem consumidor. A juventude

sem causa, meio na adrenalina alta e miolo mole.

Em 1957 o exótico governador de SP, Jânio, proíbe o rock em bailes pagos pelo estado. Chegam os filmes *O Selvagem* e *Juventude Transviada* para melhor delinear a onda chiclete-jaqueta de couro e o padrão de resposta macaqueado logo: prafrêntex! A lambreta entra na cena noturna de Copacabana, “antro de perdição”, só pior que o ermo da Barra da Tijuca “onde as virgens, se fossem, jamais voltariam íntegras”. Populares “inferninhos” eram embebedos em altas doses de hi-fi (fanta com vodka) e cubalibre (rum com coca). Macohna só para o moro, ainda. Cocaína, algo raro — o cantor Nelson Gonçalves e Roberto Luna chocaram quando foram internados. Rolava ainda Bacardi, Campari e Martinis para elegantes. No reverterio ia-se de Biotônico Fontoura, Pílulas de Vida Dr. Ross, Óleo de Fígado de Bacalhau e o povão caía de boca na chachea Tautzinho.

Em 1960, os Beatles, que dariam a forma globalizada da juventude-pop, enquanto o Maio de 68 daria a rebelde, eram obscuros roqueiros em Hamburgo entre prostitutas e bêbados. Mas a 9 de maio lançariam a pílula anticoncepcional: rogava-se a Virgem Maria — concebeu sem pecar — mas a galera queria mesmo pecar sem conceber. Vitrolas de alta fidelidade, para discos de vinil, pertenciam aos pais, mas, ao menor descuido, “à luz do abajur lilás” o namorinho avançava sem retorno. Ocultos eram os “caticesmos” de iniciação sexual de Carlos Zéfiro (homenageados pela Marisa Monte nas ilustrações do CD *Barulhinho Bom*). Como contraponto institucional dos anos JK, em 1958, a censura é regulamentada como ferramenta de Estado pelo famoso “nada a declarar” ministro Armando Falcão.

A nota de 1 cruzeiro do almirante Tamandaré ou a de 1 mil da Colômbia antigamente no Jânio

# Feliz ano velho

## Livro mostra que a alegria de Juscelino contagiou artistas e descontrauiu o país

Teresa Albuquerque  
Especial para o Correio

**R**io — Joaquim Ferreira dos Santos adora lembrar a gargalhada de Juscelino Kubitschek. Diz que o riso largo era uma atitude de governo, “o próprio anúncio da bossa nova”. Autor do livro *Feliz 1958 — O Ano Que Não Devia Terminar* (Editora Record, 190 páginas), o jornalista carioca acredita que a alegria do então presidente da República descontrauiu o país, contagiou artistas e inspirou um período de tolerância, de mistura harmoniosa.

“Convivia-se mais pacificamente naquela época”, disse ele ao *Correio*, quando lançou seu bem-humorado relato do ano em que tudo parecia dar certo. “O governo JK era democrático, liberal.

Deu o tempo para que 1958 deixasse respirar tanto o rock como a bossa nova, tanto a chanchada como o teatro do TBC ou o *Oficínio de Zé Celso*.”

Em 1958, João Gilberto lançou o 78 *rotações* com *Chega de Saudade* (de Tom e Vinícius). Carlos Gonzaga fez sucesso com a versão de Diana; *Maysa*, com *Meu Mundo Caiu*; *Sylvinha Telles*, com *Eu Não Existo Sem Você*; *Celly e Tony Campelo* gravaram seu primeiro disco; *Carlos Imperial* fundou o *Clube do Rock*. *Na Literatura*, foi o ano de Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado, e *O Vento*, de Carlos Heitor Cony.

No teatro, Nelson Rodrigues chocava a platéia com *Os Sete Gatinhos*. José Celso Martinis *Crês e cria* ou *Crês e Gatinhos*, com

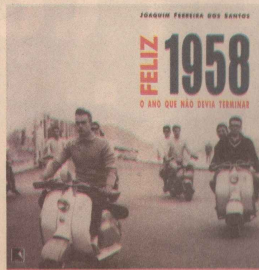
*inflação era alta, como reflexo da impressão das notas de cruzeiro para as obras. Mas e daí?* Foi o ano de fumaça nas indústrias: o lançamento de nosso primeiro barbeador elétrico, do nosso primeiro radinho de pilha e até de um controle remoto preso ao aparelho de televisão por um fio.”

Para o autor, os ares modernos e desentolvidos das indústrias JK inspiravam o país rumo ao sonho. Em 1958, até a taça do mundo foi nossa. “Ele dava condições, por exemplo, para João Gilberto tirar a capa do seu violão e criar a bossa nova. Fazia sentido. No dia 29 de junho, na Suécia, fomos campeões do mundo de futebol pela primeira vez. Gol de quem? Dele, claro.”

Enquanto o capitão Bellini erguia a taça e Nelson Rodrigues dizia que o Brasil deixava de

ser um país de vitrolas, Oscar Niemeyer criava Brasília e a revista *Manchete* estampava as colunas do Alvorada. O Jornal do Brasil fazia sua reforma gráfica. *Maria Ester* Bueno vencida o torneio de duplas em Wimbledon, a *Volks* anunciava o *Fusca* e o *DKW-Vemag* saía às ruas com 50% de suas peças produzidas nos pais.

Eram tempos do rinoceronte Cacareco (que recebeu 100 mil votos para vereador de São Paulo), dos bordões de Zé Trindade (“O que é a natureza”, para a mulher bonita que passava; “meu pidim, como vai?”, dos mexericos da Candinha e das certinhas do Lalaú “O mais engraçado exercício literário de mullherologia”, segundo o jornalista).



“Anos contados”, 1968, quando se pinto

idade. Os primeiros símbolos da juventude eram Flávio Cavalcante e J. Silvestre com *O Céu é o Limite*. A *Revista do Rádio* fazia o rá-

raí que bonavei. Iniciava-se a formatação da juventude como entidade ou poder, ou melhor, mercado consumidor. O lançamento nos cinemas de *O Balança das Horas* com Bill Halley e seus Cometas colocava o jovem como marca. A juventude transviada era rótulo dos



**FLÁVIO CAVALCANTE: AO LADO DE JOTA SILVESTRE, UM DOS PRIMEIROS ÍDOLOS DA NOSSA TELEVISÃO**

**AO TROCAR AS VÁLVULAS PELOS TRANSISTORES, A INDÚSTRIA DIMINUIU O TAMANHO DOS RÁDIOS**



**PRODUTOS DE USO COTIDIANO QUE ATRAVESSARAM DÉCADAS E ATÉ HOJE ESTÃO À VENDA**



**O ROCK 'N' ROLL ESTIMULOU O AUMENTO DO NÚMERO DE JUKEBOXES, QUE COPIAVAM O DESIGN DOS AUTOMÓVEIS**

disco; *Amado*, seu primeiro álbum; *Carlos Imperial* fundou o Clube do Rock. Na literatura, foi o ano de Gabriela Cravo e Canela, de Jorge Amado, e *O Ventre*, de Carlos Heitor Cony.

No teatro, Nelson Rodrigues chocava a platéia com *Os Sete Gatinhos*. José Celso Martinez Corrêa criava o Grupo Oficina, com Renato Borghi. Augusto Boal encenava Eles não Usam Black-Tie. com Gianfrancesco Guarnieri, no Teatro de Arena. Maria Della Costa trazia Brecht (*A Boa Alma de Se-Tsuan*) ao Brasil. Cacilda Becker rompia com o TBC e montava sua própria companhia, ao lado de Ziembinski e Walmor Chagas.

Nas marchinhas carnavalescas e no teatro rebolado, o presidente era chamado de "seu Nonô". De vez em quando dava o ar da graça nas chanchadas e revistas, até virava piada (em *Esse Milhão É Meu*, dirigida por Carlos Manga, a dançarina do cabaré chamava o gigolo de Juscelino). Mas deixava que os comediantes curtissem com suas metas. Eram tempos de muita gargalhada.

Como diz Joaquim no livro, a euforia estava instalada desde 1956, quando Juscelino assumiu o governo e estabeleceu seu plano de metas. Mas 1958, como se dizia na época, foi um chuí. Um ano bárbaro, cheio de borogodó. Foi a síntese da euforia JK. "Sim, de fato a

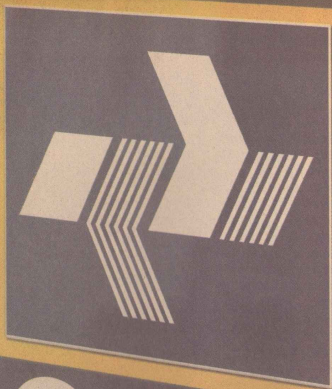
passava; "meu pudim, como vai?"), dos mexerices da Candinha e das certinhas do Lalau ("o mais engraçado exercício literário de mulherologia", segundo o jornalista).

"Ao contrário de 1968, quando se tentou colocar a imaginação no poder e o pau quebrou, em 1958 ninguém foi preso em nome da liberdade. Quase ninguém foi preso por nada, aliás", conta Joaquim. Era tudo tão tranquilo que o jornalista Antônio Maria narrava, desapontado, os acontecimentos da noite anterior: "apenas duas agressões e uma batida de carro em Copacabana".

Joaquim tinha apenas oito anos em 1958. Era fã da vedete Rose Rondelli, não perdia O Falcão Negro e trazia no bolso o "revolucionário" pente inquebrável Flamengo. Jornalista desde 1969 (hoje está cobrindo a Copa da Coréia e Japão para o Jornal do Brasil), acompanhou os jogos da Suécia pelo rádio, naquele som que ia e vinha. Um dos momentos mais bonitos daquele ano, segundo ele, foi o dia em que o céu do Rio se encheu de balões para comemorar a vitória da seleção. No auge do charme, a cidade retribuía a gargalhada de Juscelino Kubitschek.

Fotos: Reprodução

Uma empresa  
tanta coisa Bra  
certamente po  
mais clientes pa



# CORREIOS

# Conveniência

## **Abra uma agência dos Correios dentro da sua loja.**

Já pensou na quantidade de pessoas que utilizam diariamente os serviços dos Correios? Imagine então quantas delas podem passar a frequentar a sua loja. Com um pequeno investimento, você pode ter uma agência completa dos Correios disponibilizando para seus clientes produtos e

serviços nacionais e internacionais, tais como: envelopes, aerogramas, caixas de encomendas e selos, além de envio de Sedex, telegramas, cartas e encomendas. Quer uma maneira conveniente de fazer bons negócios? Correios Conveniência. A agência dos Correios dentro da sua loja.



presa que leva  
sa Brasil afora  
te pode trazer  
es para sua loja.

os

ia

Informações: 0800 560 159 ou [www.correios.com.br](http://www.correios.com.br)



100% BRASIL

BRÁSILIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

### NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

Gênero musical consagrado por João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes, a bossa nova encontrou espaço ideal para florescer e serviu como trilha sonora de uma época de auto-estima

# Música afinada

Reprodução



OS COMPOSITORES VINICIUS DE MORAES E TOM JOBIM NO PALÁCIO DO CATETINHO, EM BRÁSILIA, SETEMBRO DE 1960: SINFONIA DA ALVORADA PARA A CIDADE RECÉM-INAUGURADA

Natal Eustáquio  
Da equipe do Correio

O presidente tinha bossa, como dizia a gíria da época. Tinha jeito, um estilo todo próprio. Essa maneira singular perante a vi-

aponta Nelson Motta. "A televisão começava no país, que então se integrava ao mundo. Surgia um sentimento de confiança no Brasil, até então visto como país de derrotados. Ganhamos a Copa de 1958, a Maria Esther Bueno era bicampeã em Wimbledon (1959/60), a 21ª surge João Gilberto."

acreditando, e isso permitiu o surgimento também do cinema novo, o Teatro de Arena, o neocinematismo, a poesia concreta", diz Nelson Motta.  
Com ele concordava Sílvio Tendler, para quem Juscelino criou o ambiente popular propício para o florescer do movimento musical. "JK

### Literatura rima com arquitetura

Severino Francisco  
Especial para o Correio

**P**olítica e cultura sempre mantiveram relações perigosas. Nem sempre as obras que expressam o espírito do tempo são as melhores ou mais perenes. Pelo contrário, quase sempre as grandes obras não na contracorrente do espírito do tempo, Carlos Drummond de Andrade foi chamado de cretino ao publicar, na virada dos anos 20, o poema "Uma Pedra no Caminho", marco modernista. Em contrapartida, a dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano foi ungida à condição de símbolo máximo da arte na era Collor. A era JK constitui caso raro de um encontro feliz entre cultura e política. E não porque JK tenha conseguido realizar no campo da cultura o que projetou para o seu governo: 50 anos em cinco. A cultura e, mais especificamente, a literatura exigem um investimento de tempo, pesquisa, experimentação e maturação. E, mesmo com estas condições favoráveis de florescimento, a arte é refratária a um programa de resultados previsíveis. "A arte", diz o escritor argentino Jorge Luis Borges, "é um pequeno milagre".

Mas acontece que a era JK herdou experiências, reflexões e pesquisas estéticas do modernismo deflagrado a partir de 1922, atravessando a ditadura de Getúlio Vargas. O modernismo da literatura encontrou ambiente favorável para crescer no modernismo de JK na virada dos anos 50 para os 60.

Em 1956, Guimarães Rosa provoca um abalo sísmico ao lançar Grande Sertão: Veredas. A era JK apontava para o futuro. A obra de Rosa evoca um passado mítico da história brasileira para projetá-lo no futuro "a partir da modernidade de sua linguagem e de sua visão de mundo".  
Rosa incorporava e subvertia a concepção realista do regionalismo das décadas de 30 e 40.

Em uma carta escrita para um

O presidente tinha bossa, como dizia a grígia da época. Tinha jeito, um estilo todo próprio. Essa maneira singular perante a vida, Juscelino Kubitschek levou para o governo, o que acabou por lhe acarretar a alcunha de "presidente bossa-nova". O governo JK, afinal, criou o ambiente que proporcionaria o surgimento do movimento mais importante da música brasileira no século passado, a Bossa Nova.

Pé-de-valsa, seresteiro das noites de Diamantina, Juscelino nutria encanto pelas artes e pela cultura. "JK era amigo de vários artistas: Portinari, Di Cavalcanti, Dilermando Reis, Bené Nunes (*pianista das noites do Rio*), Tom Jobim. Era um peixe vivo dentro d'água. Mantinha distanciamento da tecnocracia, e isso o diferenciava", afirma o cineasta Sílvio Tendler, autor do documentário *Os Anos JK*.

A atmosfera desenvolvimentista vivida no país à época, na avaliação do produtor e crítico Nelson Motta, foi o cenário ideal para prosperar a Bossa Nova, movimento surgido no Rio de Janeiro no final dos anos 50, quando jovens da zona sul criaram uma música que reunia a alegria do ritmo brasileiro à sofisticação das harmonias do jazz norte-americano. O gênero teve como expoentes Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto, Nara Leão, Carlos Lyra e Roberto Menescal, entre outros.

"Era um governo de liberdade, relativa democracia, de modernidade. Havia o ambiente favorável para surgir uma música mais sofisticada e internacional como a bossa nova. E uma bossa atrevida, tanto que influenciou o jazz norte-americano. Foi uma época de afirmação e audácia criativas", assegura Motta, autor do livro *Noites Tropicais*.

Além do clima de liberdade e democracia, havia ainda atmosfera de entusiasmo e autoconfiança, fundamental para o surgimento da bossa nova,

aponta Nelson Motta. "A televisão começava no país, que então se integrava ao mundo. Surgiu um sentimento de confiança no Brasil, até então visto como país de derrotados. Ganhamos a Copa de 1958, a Maria Esther Bueno era bicampeã em Wimbledon (1959/60), e aí surge João Gilberto..."

"O universo conspirou para que aquilo acontecesse. Havia clima de euforia. A campanha nos jornais dizendo que o petróleo era nosso, o carro era nosso. Era uma campanha forte que acabou chegando às artes. Fomos contagiados por esse clima. Éramos garotes, tínhamos esperança no país. Diziamos: Putz! Agora vai.", lembra Roberto Menescal.

A bossa nova, segundo Menescal, se contrapôs ao "samba-canção que só falava de dor, sofrimento, cantados pela geração mais velha, sisuda. Fizemos a música de uma geração que saiu da boêmia e foi para a praia. Falava de coisas jovens, frescas, de natureza". E Juscelino, frisa Menescal, acreditou nessa arte, "tanto que convidou Tom Jobim para compor a *Sinfonia da Alvorada*. Não foi chamar um maestro mais velho."

O entusiasmo e a autoconfiança acabaram contagiando todo mundo, graças sobretudo ao carisma de Juscelino, que conseguiu envolver o povo a ponto de tomá-lo partícipe das transformações e da modernização por que passava o país. "Os brasileiros estavam se

acreditando, e isso permitiu o surgimento também do cinema novo, o Teatro de Arena, o neocinematismo, a poesia concreta", diz Nelson Motta.

Com ele concordava Sílvio Tendler, para quem Juscelino criou o ambiente popular propício para o florescer do movimento musical. "JK gostava de serestas, mas era um homem da modernização. A bossa nova teve como grande marco o show no Carnegie Hall, em 1962, em Nova York. Mas foi JK quem impulsionou as artes e a cultura que permitiram o nascimento desse gênero musical."

O governo JK, analisa o músico João Donato, "foi época das mais frutíferas para a arte e a cultura no Brasil. Tanto que a nossa música se tornou internacional e até hoje agrada o mundo todo." Para o pianista, contemporâneo dos "criadores" da bossa nova, houve "coincidência de fatores que juntaram a mentalidade da época. As pessoas procuravam expressão artística mais afetiva, carinhosa. Os músicos queriam fazer canções que deixassem as pessoas felizes."

"Todo mundo só falava de JK, como se ele fosse dar a mão para a caminhada nessa direção. Não chegou a estar com ele, mas os amigos sempre comentavam. Foi um presidente inesquecível. Representa um tempo em que dormíamos com janelas abertas, éramos sonhadores. O governo dele teve importância vital nessa direção que a música tomou", assegura Donato.

## SINFONIA PARA BRASÍLIA

*Presidente com sólida formação cultural, o que o levou a estudar em Paris nos anos 1920, Juscelino fez questão de encomendar a Tom Jobim e Vinícius de Moraes uma sinfonia em homenagem a Brasília. Foi em 1958, em pleno período de germinação da bossa nova. A composição, porém, só estaria pronta dois anos depois, quando no Catetinho estiveram Tom e Vinícius para compor a Sinfonia da Alvorada, que acabou conhecida como Sinfonia de Brasília. Na capa do disco de lançamento da obra, Vinícius assina texto em que retrata o clima de "confiança no futuro do Brasil"*

Proposta aceita, partiu-se para a escolha do repertório. "Inicialmente relacionamos algo em torno de 100 canções, entre serestas, valsas e sambas. No processo de seleção, passamos por várias etapas até chegar às 14 registradas no *Memorial*", comenta Zé Renato.

Um dos critérios utilizados na definição do que seria gravado foi o de trazer de volta músicas marcantes do século 20, desconhecidas das novas gerações. "É muito provável que pessoas com as

mesmas 40 anos não conheçam, por exemplo, as pré-bossanovistas *O Grande Amor* e *Lamento do Morro*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, da trilha do filme *Orfeu da Conceição*."

A história do *Memorial* começa com a *Tristeza do Jeca* (Angelino de Oliveira), que conta com a participação especial de Milton Nascimento. As serestas dia-

mantinenses *Amo-te Muito* (João Chaves) e *É a Ti Flor do Céu* (M. Ferreira/T. Pereira) foram incluídas.

"Quando apresentamos o repertório à Maristela, filha de JK, ela confirmou o gosto do pai pelas duas modinhas e, também, por outras músicas como *Malandrinha* (Freire Júnior) e *Noite Cheia de Estrelas* (Cândido das Neves)", conta Zé Renato. *Peixe Vivo*, a música preferida de Juscelino, aparece em versão instrumental e abre o álbum.

Sobre a inclusão de *Céu de Brasília*, composta por Toninho Horta e Fernando Brant, em 1979 (três anos depois da morte de Juscelino), o cantor justifica: "A gravação foi proposital. Trata-se de homenagem explícita a Brasília, lugar sonhado e realizado pelo presidente, com uma bela canção de autoria de dois compositores mineiros."

Tiso criou novos arranjos para cada uma das canções, pensando nas interpretações de Zé Renato, "que não desafia nunca, e que me deixou à vontade para propor a sonoridade, as formações orquestrais, com a participação de grandes músicos brasileiros".

## MEMORIAL

*CD em homenagem a Juscelino Kubitschek. Direção musical de Wagner Tiso. Voz de Zé Renato. Lançamento Takano e Biscoito Fino. Preço médio: R\$ 20,00.*



...todas as contradições, a construção de Brasília é a materialização da utopia modernista da era JK e do encontro entre arte e política. Em 1957, João Cabral de Melo Neto lança *Uma Faca Só Lâmina*. Se Oscar Niemeyer é arquiteto-artista, Cabral é poeta-arquiteto ou poeta-engenheiro, construindo suas esculturas verbais cubo-futuristas como quem encaixa tijolos ou módulos de concreto. Na verdade, o sentido construtivista da poesia de João Cabral é anterior a Brasília. Cabral confessou várias vezes que suas maiores influências eram Le Corbusier, o mestre de arquitetura moderna de Niemeyer, e o poeta pernambucano Joaquim Cardozo, que foi, durante muito tempo, o engenheiro responsável pelo cálculo estrutural das obras de Niemeyer. Cabral concebeu a ideia do poeta como engenheiro conversando com Cardozo e lendo sua poesia.

Mas a conexão literatura-JK está mais explícita na poesia concreta, movimento deflagrado em 1956. Sob inspiração direta da arquitetura de Brasília, o manifesto do movimento é batizado de Plano Piloto da Poesia Concreta. Em O Marco Iris Branco, o poeta Haroldo de Campos escreve: "A circunstância era favorável. No Brasil edificava-se Brasília, a capital futurológica, barroquizante e construtivista (...). Mas a então jovem poesia concreta, conquanto independente em relação ao centro político de decisões e marginal em sua evolução circunscrita preferencialmente ao plano literário e artístico, não poderia deixar de refletir esse momento generoso de otimismo projetual." Com suas contradições e equívocos, a era JK será evocada como uma era de amor à cultura. Sem conhecer Cabral, Rosa Drummond e a poesia concreta é quase impossível amar o Brasil.

## 50 anos em 14 canções

Irlam Rocha Lima  
Da equipe do Correio



JK sempre gostou de serestas. Desde a infância costumava ouvi-las em Diamantina. Mas comemorações de seus 100 anos, o Grupo Takano quis homenageá-lo com um disco que registrasse modinhas das quais o ex-presidente gostava. Mas, ao convidar o pianista e arranjador Wagner Tiso e o cantor Zé Renato para desenvolver o projeto, o representante da Takano foi convencido a criar algo mais abrangente. "Propusemos um painel musical diversificado e representativo do século em que Juscelino viveu, caminhando de 1910 até 1960", explica Tiso.

## NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

A liberdade de expressão permitiu o surgimento de diretores brasileiros e deu o pontapé para o surgimento do cinema novo, o mais importante movimento de nossa história cinematográfica

## O Brasil se enxerga nas telas

Ricardo Daehn  
Da equipe do Correio

Uma nova perspectiva para o cinema nacional foi aberta a partir do governo de Juscelino Kubitschek. Em pleno processo de transformação, o cinema se ajustava à realidade com exibição de filmes que prenunciavam a invasão de jovens diretores, aptos a uma produção autoral, que dispensasse rebuscamentos de estúdio e, acima de tudo, trouxesse à tona uma realidade desmistificada e crua. Era a gênese do Cinema Novo, uma criação intelectualizada e crítica, estimulada pelo espírito de liberdade proposto por Juscelino. Uma tendência cinematográfica que se alimentou desse período, para eclodir na década seguinte à do governo JK.

“Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova.” Com perspectiva objetiva, Glauber Rocha firmava as bases da pluralidade presente nos ditos precursores do Cinema Novo. Juscelino era bem visto pela maioria dos estudantes classe média, responsáveis pela solidificação do movimento cinematográfico. “O Cinema Novo é filho de JK, que criou uma época onde a convivência dos contrários era possível. Isso favoreceu atos contestatórios de um movimento arrojado”, acredita o cineasta Silvio Tendler, diretor de *Os Anos JK* (1980).

Ainda que de atitude tímida para o setor, não se pode ignorar duas instituições geridas na presidência JK: Comissão Federal de Cinema (CFC) e Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica (Geic). A iniciativa desembocou no Geicine, durante o governo de Jânio Quadros, que trouxe medidas favoráveis ao cinema nacional. A situação do Geic foi marcante pelo menos na aprovação do Decreto nº 47.466, que estipulou a obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros numa frequência anual mínima de 42 dias.

Repórter de *O Cruzeiro* durante o governo JK, o produtor Luiz Carlos Barreto vê méritos relativos

Reprodução



RIO, ZONA NORTE, DIRIGIDO POR NELSON PEREIRA DOS SANTOS EM 1957, UM DOS FILMES QUE ABRIU CAMINHO PARA O SURGIMENTO DO CINEMA NOVO NA DÉCADA DE 60

**“Era interessante o fato de termos perdido o medo da censura, medo este adquirido durante o governo de Getúlio Vargas. JK era mais liberal, mas não houve uma doutrina na área cultural”**

messas foram manifestações meio isoladas. Indicavam o que viria pela frente”, assinala o cineasta Cacá Diegues. Autor de um dos curtas a integrar o seminal *Cinco Vezes Favela* – revelador do engajamento de Joaquim Pedro de Andrade, Miguel Borges, Leon Hirszman e Marcos Farias –, o diretor reconhece o marco da unidade do movimento: “A exibição de *Deus e a Diabna* na *Terra do Sol e Vidas Secas* na com-

clativa desembocou no Cinecine, durante o governo de Jânio Quadros, que trouxe medidas favoráveis ao cinema nacional. A atuação do Gelec foi marcante pelo menos na aprovação do Decreto nº 47.466, que estipulou a obrigatoriedade de exibição de filmes brasileiros numa frequência anual mínima de 42 dias.

Repórter de *O Cruzeiro* durante o governo JK, o produtor Luiz Carlos Barreto vê méritos relativos quando o assunto recaí sobre incentivos governamentais de Kubitschek. "Não existiam os mecanismos institucionais de hoje. Os financiamentos que vinham do Banco Nacional de Minas Gerais foram atitude positiva, mas da iniciativa privada. Empreitavam dinheiro a juros, mas com muita tolerância. Como nós éramos mais jovens, menos azeitados – mas cheios de energia –, não nos preocupávamos muito, porque tudo nos parecia o paraíso", diz Barreto.

Estabelecer limites para segregar grupo de presença e, outro, de fundadores do Cinema Novo é quase levandade. Uma simbiose agregava as duas partes. "Precursor ou fundador, não tenho nada com isso. Não houve manifesto do Cinema Novo, mesmo porque detestávamos dogmas", enfatiza o diretor Paulo César Saraceni, apontando como um dos insuladores da produção, a partir do documentário *Arreal do Cabo* (1959).

Traços comuns ao neo-realismo italiano marcaram *Rio 40 Graus* (1955) e *Rio, Zona Norte* (1957), as obras que sacramentaram Nelson Pereira dos Santos como

## "Era interessante a fato de termos perdido o medo da censura, medo este adquirido durante o governo de Getúlio Vargas. JK era mais liberal, mas não houve uma doutrina na área cultural"

NELSON PEREIRA DOS SANTOS

cinasta

o cineasta que adubou o campo para as produções seguintes, consideradas autênticas no Cinema Novo.

*Barravento* (1961), filme de Glauber Rocha montado por Nelson Pereira, é outra referência para o movimento que indiretamente absorveu influências externas fundamentais à corrente detratadora das produções da Vera Cruz e das proliferas chanchadas.

"Era um período de alta formação, em que – como presidente do Cineclub Centro Dom Vital – assistia a 600 filmes por ano. Foi uma geração que saiu da cinefilia", observa Gustavo Dahl, crítico da época e diretor da Agência Nacional de Cinema (Ancine).

A escala dos filmes era artesanal, o que propiciava discussão e interferências mútuas nas obras do período. Com produção independente, por vezes os filmes exploravam obras de escritores nacionais e rom-

piam com a narrativa clássica. "Foi o chamado realismo brasileiro", define Dahl.

Fletes com o claudicante sistema industrial desqualificam, na opinião de alguns, um filme indescritível ao movimento, na opinião de outros: *O Pagador de Promessas*. "Ele tinha a cara da Vera Cruz. Mas ganhar a Palma de Ouro em Cannes não deve ter sido fácil para o Anselmo Duarte, e de certa forma atrapalhou o que ele tinha de primitivo, de empenhado. Já *Os Cafajestes*, do Ruy Guerra, é exemplo de filme representativo. Ruy é um moçambicano que absorveu uma linha francesa para o Cinema Novo que, na verdade, é resultado dessa cultura antropofágica, mesmo. Um cinema vira-lata", analisa Paulo César Saraceni.

"Filmes como *Os Cafajestes* e *O Pagador de Pro-*

messas foram manifestações meio isoladas. Indicavam o que viria pela frente", assinala o cineasta Cacá Diegues. Autor de um dos curtas a integrar o seminal *Cinco Vezes Favela* – revelador do engajamento de Joaquim Pedro de Andrade, Miguel Borges, Leon Hirszman e Marcos Farias –, o diretor reconhece o marco da unidade do movimento: "A exibição de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Vidas Secas* na competição oficial de Cannes e de *Ganga Zumba*, na semana da crítica, em 1964, deu um sentido de bloco, de coletividade, ao Cinema Novo", comenta.

"A musa do Cinema Novo era a realidade nacional. Não havia lugar para o estrelismo", aponta Cacá Diegues, reconhecido instaurador da temática urbana no movimento, a princípio, detido a realidade rural. Depois de chamar chamar a atenção retratando pioneiramente um núcleo central negro nas telas, em *Ganga Zumba* (1964), Diegues estabeleceu a transposição terra/concreto, a partir do conto da nordestina que, à força, conhece a dura realidade de um centro metropolitano, em *A Grande Cidade* (1965).

Ponto de desacerto entre estudiosos, a morte do Cinema Novo é assunto encerrado para Diegues: "Ninguém mata um movimento por decreto, mas o que qualificava o cinema brasileiro, o espírito crítico, estancou a partir do Ato Institucional nº 5 (1968)".

II COLABOROU KLECIUS HENRIQUE

## Dramaturgia ressuscitada

Aletheia Muniz

Da equipe do Correio

A onda de entusiasmo nacional surgiu nos palcos, na demanda de peças, crítica e público. As perspectivas para o futuro do teatro a partir dos anos 50 eram as mais otimistas possíveis. "Essa geração conseguiu o milagre de ressuscitar uma arte julgada moribunda, tocando-lhe em alguns pontos essenciais", defende Décio de Almeida Prado, autor de *O Teatro Brasileiro Moderno*. Para se ter ideia, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) atraía dez mil pessoas em três ou quatro semanas em cartaz.

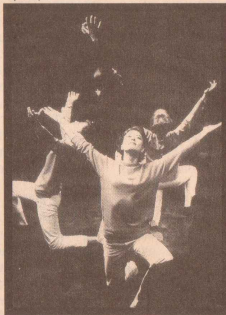
O espetáculo *Eles não Usam Black-Tie* (1957) é emblemático do período. Estréia de Gianfrancesco Guarnieri na dramaturgia, teve direção de José Renato e norteou os trabalhos do Teatro de Arena nos anos seguintes. "Pela primeira vez, o tema da luta de classes é levada ao palco brasileiro", afirma o crítico Fernando Marques, professor do UniCeb e doutorando em literatura brasileira pela Universidade de Brasília.

O Arena foi formado por José Renato em 1953, à época recém-saído da Escola de Arte Dramática, na intenção de abrir caminhos para os iniciantes na carreira teatral. A luta começou com a entrada de Guarnieri e Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha, filhos de militantes esquerdistas. E logo chegaria o

diretor Augusto Boal, que trazia experiência dos palcos nova-iorquinos. *Eles não Usam Black-Tie* foi montada, segundo Boal, em momento de crise do grupo. Era preciso encontrar respostas para o sentido do fazer teatro. "A peça firmou o teatro como participação política, era o teatro de protesto, de oposição", aponta a pesquisadora e crítica paulista Renata Pallottini, especialista em história do teatro brasileiro.

A concepção do Arena era oposta à do TBC, maior êxito dos palcos nascido nos anos 40. Dessa companhia saíram ícones da arte dramática como Caçilda Becker, Maria Della Costa, Tônia Carrero, Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Natália Timberg e o próprio Guarnieri. A frente dos trabalhos estava Franco Zampari, que apresentava espetáculos bem-realizados, em teatros frequentados pela elite paulista. "O TBC tinha montagens bem-cuidadas, de qualidade, mas eram textos de autores europeus, clássicos e contemporâneos", aponta Marques. "Uma das consequências do Arena foi a valorização dos autores brasileiros", compara. As peças do Arena eram apresentadas em um pequeno espaço e pretendiam chegar aos olhos dos operários e camponeses.

Reprodução



ARENA CONTA ZUMBI, DIRIGIDO POR BOAL

Prado, em *Teatro Brasileiro Moderno*. A peça de Suassuna é tão importante nesse período, segundo Pallottini, quanto o trabalho de Guarnieri ou Nelson Rodrigues. O quarteto de ouro completa-se com Jorge Andrade e sua *Moratória* (1955).

Se o presidente voltava os olhos para o Planalto

"Foi uma fase muito rica, excepcional para o teatro brasileiro", observa Pallottini.

### HOMEM NORDESTINO

Enquanto Juscelino Kubitschek iniciava seu governo, Ariano Suassuna escrevia o *Auto da Compadecida* (1956). Existe ali o conflito entre vida e morte, a inquietação sobre a existência de Deus, mas trata-se sobretudo de levar para o palco o homem nordestino. "Ele não põe em cena o camponês, o trabalhador braçal, entendidos enquanto classe social ou força revolucionária. E sim o 'amarelo', o cangaceiro, o repentinista popular, com toda a carga de pitoresco que a região lhes atribui", analisa

### QUARTETO DE OURO

- Jorge Andrade (*A Moratória*, 1955)
- Ariano Suassuna (*Auto da Compadecida*, 1956)
- Gianfrancesco Guarnieri (*Eles não Usam Black-Tie*, 1958)
- Nelson Rodrigues (*Boca de Ouro*, 1959)

Central e se dedicava à construção de Brasília, Nelson Rodrigues continuava a lançar a língua afiada sobre a sociedade carioca. Depois de *A Falecida* (1953), escreveu *Perdoa-me por me Traíres* (1957), *Viviva, Porém Honesta* (1957), *Os Sete Gatinhos* (1958) e *Boca de Ouro* (1959). "A grande peça dessa fase é *Boca de Ouro*. Ela mostra que a realidade é aquela que o observador deseja ver", destaca Marques.

Segundo Prado, foram os anos de uma dramaturgia ambígua, "alegre por fora e amarga por dentro, que saciava duplamente o público, tanto ao exibir quanto ao condenar o vício". Exemplo disso é a obra do paulista Afílio Pereira de Almeida, que apresentava a devassidão burguesa em peças como *Moral em Concordata* (1956) e *Rio São Luís, 27, 8º Andar* (1957). As peças mais penetrantes do autor são relacionadas com o dinheiro, considerado a força motriz das ações humanas.

Ao mesmo tempo em que o teatro brasileiro se desenvolvia, houve um boom de apresentações internacionais. O país era incluído em turnês de companhias famosas, como a Comédie Française e a italiana Gasmann-Torrieri-Squarzina. O clima era de relativa liberdade, especialmente se comparado ao período dos anos de chumbo que estavam por vir. Mas deve-se atentar para o que se entende por "relativa". *Album de Família*, de Nelson Rodrigues, por exemplo, surgiu em 1945 e ficou interdita pela censura por 20 anos. Ironicamente, foi liberada no período pós-64.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

## NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

Os quatro anos de Juscelino na presidência foram tempos excepcionais para construção de nova identidade nacional. O carisma de JK contribuiu para a explosão cultural no início dos anos 60

Divulgação

O SERESTEIRO JK: SEMPRE DE ROUPA RECORTADA E CABELO FIXO COM PASTA GUMEX, O PRESIDENTE CONCILIAVA A IMAGEM DE LATINO SEDUTOR COM A DE ESTADISTA DO PRIMEIRO MUNDO



# Presidente bossa-nova

TT Catalão  
Da equipe do Correio

Nenhum período histórico explodiu por acidente. Uma série de movimentos, tendências, modismos, comportamentos e personalidades tomavam forma desde o início dos anos 50 e passaram pelo período 1956-60 de JK nutridos pelo excepcional momento de criação, construção e identidade nacional da época. Seu governo adotou prioridades estruturais e a cultura não foi meta explícita, como política pública. Não havia uma intenção direcionada como programa, mas ocorreu extraordinária virada na auto-estima nacional, de tal modo que nenhuma política pública dirigida, até então, e mesmo atualmente, marcou a vida brasileira em tantos aspectos culturais: comportamento, estilo, linha de conduta, realizações tecnológicas, convivência, impacto na infra-estrutura industrial e de energia, choque entre o rural e o urbano. Isolados ou em conjunto, tais fatores contribuíram para o caldo fértil da tal "modernidade" que o próprio mundo experimentava na desconstrução pós-guerra, embora sob Fla x Flu ideológico da Guerra Fria, entre EUA e a ainda URSS.

Em JK os sinais de mudança e ritos de passagem para o mundo urbano e industrial criaram uma aura de celebração do progresso e entusiasmo em diversos níveis – o que ela classificava co-

mo desenvolvimentismo. Esse conjunto viria a contagiar pessoas, grupos e experimentos estéticos que fossem tradutores deste "novo Brasil". Uma série de matrizes antecedentes irrigaram os anos JK e prosseguiram. São avanços cumulativos. Por exemplo, o que se convencionou chamar de Cinema Novo, melhor delineado nos anos 60, recebe alguns elementos nos anos 50 com a Cinédia, a Vera Cruz, a Atlântida, tem um marco no período JK com *Rio 40 Graus* (1955) e *Rio, Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos, mas eclode, mesmo, nos anos 60.

Se JK não interrompia processos, nem tinha uma política específica e direta para linhas culturais, no mínimo alimentava o imaginário nacional com diversos signos. O clima geral de invenção contagiava o agito institucional e pessoal de artistas, pensadores e organismos. Darcy Ribeiro, entusiasta até a medula, traduzia esse tempo como "a fome de reinventar e fundar uma luminosa, fraterna e mestiça idéia de Brasil". Como todo aflorar adolescente para a novidade – nem tanto para o novo, com raiz radical nas reinstalações estruturais – tal tempo arranha a superfície da mudança sem chegar ao centro da cadeia repressora da Felicidade Nacional Bruta, mas que provocava euforia, provocava. Tanto que recebe até hoje o carimbo dos "anos dourados". Como um lapso emocional na carga pesada das seculares dependência e miséria brasileiras.

JK foi o nutriente de um caldo de cultura, que só veio criar corpo, no tempo, para eclodir, satisfatoriamente, nos anos 60. E, por consequência,

tais processos culturais, ricos em contestação, invenção e ousadia, viriam a ser interrompidos pela repressão e diluídos pelo mercado na ditadura pós-64. A textura dos fatos e seu contexto não são precisos para indicar uma responsabilidade direta, formal, de JK na cultura. O próprio tempo em efervescência do mundo, no final dos anos 50, atropelaria qualquer um que ficasse contra a corrente. E JK estava a favor da virada. Por vocação e não por estratégia. Incorporava em charme e simpatia.

## CORPO E ALMA

JK, com seu jeito, sinaliza uma postura de comportamento e cultura: concentra a imagem da cordialidade, temperança e boa gente nacional. Pura imagem, mas com muita verdade nos anos 50, quando o Brasil vivia sob uma certa inocência não deplorada e os crápulas hibernavam antes do despudor atual. Seresteiro, namorado, bom de papo, de mesa e copo, o presidente é bossa-nova sem receios e se aproxima do perfil latino sedutor com ares civilizados de estadista. Pé-de-valsas, roupa recortada, cabelo fixo à Gardel com pasta Gummex, JK é popular sem perder o porte. Passa do banquete ao rega-bofe sem cerimônia. Seu gosto pessoal tem a marca do eclétismo. Do arroz carreteiro ao cerimonial sem sobressaltos. E isso é uma sinalização cultural diferente da autoridade máxima, distante, empertugada em discursos barrocos e furibundos importadas de estilo. Era "novo" no país um político natural sem a menor afetação ao falar, que destilava intimidade sem forçar a barra. Era porque era.

Seu próprio repertório é direto, logo moderno. Cercado por uma pleiade cultural, JK mantinha intelectuais no poder para generosa troca original e assim escapava da tecnocracia limitada ou da militância mais estreita. Haja horizontes. Minas lhe deu esse traço do ouvir e do desejar além dos limites que as montanhas ocultam. Nos mandatos como prefeito (1940-45) e governador de Minas (1950-55), demonstra que a temporada em Paris, nos anos 30, ainda como médico, abriu sua cabeça para a necessidade da beleza aplicada ao cotidiano (matéria mestra da bela capital francesa).

Com a Pampulha, criada entre 1942-44, e grandes ruas em Belo Horizonte, jardins, pavimentação, canaliza córregos, demonstra a percepção, de que sem infra-estrutura e esforço em uma indústria nacional rastearíamos exóticos entrê-joux e balangandans. O conjunto da Pampulha marca o encontro entre JK e Oscar Niemeyer e funda os antecedentes de Brasília no aguardo. de Lúcio Costa: interação do prédio com a paisagem, elogio da curva, sombra e luz em rima rica, presença do mural, do painel, da pintura e da escultura. Monumento ao que Niemeyer definia como projeto permanente – pleno de referências culturais – "o inesperado, a irregularidade, a surpresa e o espanto são parte essencial e característica da beleza". Instalavam-se os sinais de uma cultura nacional que sabia devorar influências externas e devolve-las "outra", marcava a tentação mais aguçada de um antropólogo light, tolerante, sedutor, moderno em essência na polidez e abertura para o novo.



BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

### SIGNO-BRASÍLIA

**B**rasília foi classificada por JK como meta síntese. E nela residiu seu momento mais inspirado. Criava sob Brasília alguns fundamentos de que havia um sertão a ser digerido ou devorado. Realizava-se, com a nova capital, a expressão mais estética e científica no avanço do urbanismo, da arquitetura, nos processos de construção do concreto aparente, nos achados de engenharia e cálculo. Mas havia a extraordinária presença humana de um povo nunca solicitado em tal escala messiânica de desafio e utopia.

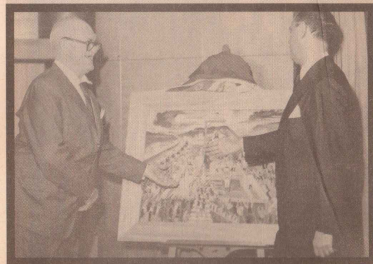
Como massa, martirizada pelo trabalho brutal, congelada em salários infames e sob baixo reconhecimento (até mesmo traição) posterior, um povo se fazia reconhecer enquanto construía algo um tanto abstrato nos monumentos e conceitos, mas concreto de que significava uma vida melhor, revolucionária da miséria em que viviam. Se a utopia foi abortada depois, naquele momento, Brasília determinou a existência de uma vida cultural e de entendimento do Brasil posicionado no mundo.

Os próprios candangos são brasileiros com um novo nome, como extraterrenos do Planeta Brasil excluído, distante, revividos sob uma outra pátria e função construtora. Viram signos do país-sertão (o litoral de costas para o centro). Ouvavam deixar a taba e a senzala para ser palácio, mesmo que as regras do jogo mantivessem a perversão colonial. JK enfatizava para Oscar que "as colunas do Alvorada tinham que ser de mármore, de palácio, mesmo".

Os antecedentes de uma cidade modernista estavam nos manifestos dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna que, desde 1928, inspiravam inteligências a realizações, como a formalizada na Carta de Atenas de 1941: a cidade se dava além das construções e serviços para moldar novo cotidiano e, ambiciosamente, nova convivência entre contrários. Entre as buscas culturais mais remotas havia a Semana de 22 que procurou originais reflexões sobre o que o poeta Capinam chamava de Geléia Geral brasileira. A metáfora da ruptura entre rural e urbano estaria definitivamente glorificada em *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, que funciona como marca e marco da emergência de o país virar nação e daí universalizar-se pela linguagem renovada. As estradas do desenvolvimento tecnológico não levariam a lugar nenhum sem as

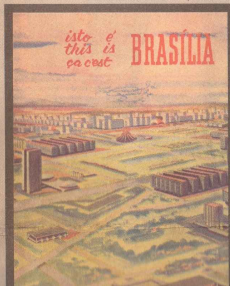


Estado de Minas



JK CONFIOU AO PINTOR GUIGNARD A ESCOLA MINEIRA DE BELAS ARTES

JUSCELINO ENCONTRA LOUIS ARMSTRONG E GRANDE OTELO: IMAGEM DA CORDIALIDADE NACIONAL



Reprodução

municipal para as canções de *Orfeu do Carnaval* (que viraria filme em 1959 e receberia a Palma de Ouro em Cannes pela direção do francês Marcel Camus). Mas havia os antedecentes matizes em Mário Reis (cantando baixo e sem dó de peito), nos processos de gravação e reprodução fonográficas sensíveis a sussuros, na abordagem do íntimo (canto e violão) para se tocar em surdina nos apartamentos, na nova imagem do amor em que a mulher deixa de ser amélia ou víbora para ser minha namorada, harmonias de Johnny Alf, Dick Farney, mais informação recebida do jazz pós-guerra. O LP *Cantão do Amor Demais*, de Elizete Cardoso (que já trazia a sincope batida de João em *Chega de Saudade e Outra Vez*, mais dez faixas dos então desconhecidos Tom e Vinícius), é de 1958. E João lança o antológico *Chega de Saudade* em 1959. É um sinal "bem-JK", o da transição: uma excepcional voz símbolo do rádio, Elizete, na alegoria Bauhaus da batida do canta baixinho de João. Nada seria como antes.

Quando Nelson Pereira dos Santos lança *Rio 40 Graus*, em 1955, apresenta realidades cotidianas do semidocumento, à verdade italiana, mas sua proibição serve como poder de mobilização para um grupo que ainda não se via como classe. É Paulo Emílio Salles Gomes, base da nascente Universidade de Brasília, criador do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, quem vai polarizar um método e um discurso para a ação: uma idéia de cinema nacional. Em novembro de 1960 lança seu manifesto na Primeira Convenção Nacional da Crítica onde afirma que "o cinema brasileiro não tem caráter". Com isso, instala uma postura permanente de reflexão e deseja criar uma cultura de cinema com memória e cinematéca.

Fundamenta a alma e a estética da fome de Glauber. Renasce o peso de *Agulha no Palheiro*, de Alex Vianny. Nasce o papel do semanário da União Metropolitana dos Estudantes do Rio, que dá espaço para discussão aberta do embrionário Cinema Novo (batizado por Ely Azereado, que depois perseguiria o dito). Filmes-base são *Aruanda* (Linduarte Noronha e Rucker Vieira), *Arraial do Cabo* (Paulo César Sarraiceni e Joaquim Pedro de Andrade), *Assalto ao Trem Pagador* (Roberto Farias), *Os Cafajestes* (Ruy Guerra; com o primeiro no frontal "a milanesa" de Norma Bengell), *Porto das Caixas* (Sarrazeni), *A Grande Folia*, *Tacota no Asfalto* (ambos de Roberto Pires) e *Barra-Venta* (Glauber Rocha). O Rio volta a liderar com seus episódios de *Cinco Vezes Favela* - na época estava há, Guarnu, 33 na Tezoz En, ainda a outo



BRÁSILIA, MOMENTO MAIS INSPIRADO

JUSCELINO E NIEMEYER: CONJUNTO DA PAMPULHA, EM BELO HORIZONTE, MARCA O ENCONTRO ENTRE O POLÍTICO E O ARQUITETO



metáfora da ruptura entre rural e urbano e definitivamente glorificada em *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, que funciona como marca e marco da emergência de o país vir nação e daí universalizar-se pela linguagem renovada. As estradas do desenvolvimento tecnológico não levariam a lugar nenhum sem as vias e desvios da alma oculta que Rosa desvendava. Como base para o novo tempo, em 1957 foram lançados *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, e *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro. Anísio Teixeira – um dos pilares formuladores de Brasília – publica *A Educação não é Privilégio*, Sérgio Buarque de Hollanda, *História da Civilização Brasileira*.

— Antes, em 1955, saíram *Vila dos Confins* (Mário Balmério) e *Laços de Família* (Clarice Lispector). João Cabral de Melo Neto, já “moderno” antes de todos, continuava sem data, nem escola. Manuel Bandeira aparece brilhante em *Opus 10 e Estrela da Tarde*, de 1958, e verifica-se o crescimento da base para uma discussão da cultura popular e seu inevitável engajamento nos anos 60, polarizados com *Operário em Construção*, de Vinícius de Moraes, *João Boa Morte*, de Ferreira Gullar, o amplo movimento *Violões de Rua*, sob coordenação de Moacyr Félix, para tudo se acabar na quarta-feira de cinzas do AI-5, em 1968, tendo antes passado pelos brios e agitos da UNE com o seu CPC (Centro Popular de Cultura) que fizeram de Carlos Lyra na cola de Nara Leão o “protesto” para a bossa nova do banquinho cool. Em agosto de 1961, lançaria *A Mais Valia Vai Acabar* e seria reforçado pelo Movimento e Teatro de Cultura Popular, em maio de 1962, no Recife.

O teatro que vinha desde a estrutura estética do TBC em 1948, aplicaria desdobramentos verbais na picardia de Nelson Rodrigues com *Os Sete Gatinhos*, mas a necessidade de luta encarnava a base para anos 60 com o Arena, embora Boal tenha montado *Revolução na América Latina* com JK no leme. Paschoal Carlos Magno expandia estética em educação, Flávio Rangel monta *O Pagador de Promessas* em 1957, ano também da montagem de *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Em 1958, *Eles não Usam Black-Tie* é o manifesto explícito de Guarnieri.

#### A BOSSA E A FOSSA

**A**lém de arquitetura e urbanismo, é no cinema e na música popular que o signo Brasília enraizava-se com ótimos símbolos, não por influência temática mas pela aura inaugural: a Bossa Nova e os fundamentos do Cinema Novo. Em 1956, o encontro Tom e Vinícius se dava no Teatro Mu-

de Andrade), *Assalto ao Trem Pagador* (Roberto Farias), *Os Cafajestes* (Ruy Guerra; com o primeiro nu frontal “à milanesa” de Norma Bengell), *Porto das Caixas* (Sarraceni), *A Grande Feira, Tocaia no Asfalto* (ambos de Roberto Pires) e *Barra-vento* (Glauber Rocha). O Rio volta a liderar com seus episódios de *Cinco Vezes Favela* – na época eram 64 favelas, 22 na Zona Sul, ainda estava longe a barbárie do Complexo do Alemão, e se cantava “quando derem vez ao morro toda a cidade vai cantar...”

#### OUTRAS BANDAS

**A** Bienal, em 1951, já alinhava os passos de uma ruptura necessária. Músicos eruditos gastavam o Manifesto Música Nova, lançado efetivamente em 1963. Em 1955, a III Bienal dá os fundamentos anti-figurativismo para alimentar os concretos na poesia e pintura de 1957. O Museu de Arte Moderna de Afonso Reidy usa o expressivo tambor cultural carioca para reverberar a construção em concreto aparente e sua vocação para a polêmica, neoconcreta, louca para quebrar dogmas. Os irmãos Campos, mais Decio Pignatari, já “antecediam o espírito de Brasília”, em 1952 ao lançar a revista *Noirgrandes*. Exaltação do curto, direto, sem ser grosso. O máximo no mínimo. Como as estrepolias que Garrinha aprontava em um minúsculo pedaço do campo. Até no esporte – Copa de 58, vitórias no tênis com Maria Esther Bueno, título mundial de pesos-pena de Eder Jofre, medalha de ouro olímpico no salto triplo de Ademar Ferreira da Silva e campeonato mundial de basquete – a era JK obtinha fôlego para alçar mais o pódio da lenda que o da legenda histórica.

#### DOR E CATARSE

**P**assando pelo seu humilhante exílio depois do golpe de 64, cassado, recusado pela Academia Brasileira de Letras, clandestino na cidade que criou, pária na pátria, submetido a interrogatórios militares ridículos, campanhas imorais de imprensa que ainda o viam como “ameaça popular”, até a sua morte, em 22 de agosto de 1976, esmagado no Opala 70, no Km 165 da rodovia Presidente Dutra, JK revela a dramaticidade de um personagem com tamanho requinte operístico e próprio na incorporação permanente de signos culturais: morre em acidente automobilístico – a indústria que mais impulsionou.

Como última manifestação cultural, seu enterro devolve o povo às ruas de Brasília, então amordaçada, e o seu Memorial desafia cada pôr-do-sol com um aceno próximo ao ponto de partida da sua aventura: a cruz da Primeira Missa, como alfa e ômega, fechamento de ciclo, ou na cidade mística o uroboros (a serpente que morde o próprio rabo) para ensinar a sabedoria dos ciclos. Tanto que, exatamente pela cultura, JK ainda permanece no imaginário e no cotidiano de um país que dele recebeu o parto mas ainda não chegou ao porto sonhado.

O país queria uma cara. Nem que fosse para levar um tapa. Ou para revide ou para dar a outra face, contanto que fosse sua. Esgotava-se a possibilidade de apanhar por tabela.

BRASÍLIA, QUARTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 2002

### NUNCA FOMOS TÃO FELIZES

Juscelino governou ao lado de escritores, como Augusto Frederico Schmidt, Autran Dourado, Cyro dos Anjos, Josué Montello e Carlos Heitor Cony. Mas nunca se curvou diante da força-tarefa intelectual

# Idéias próprias

Reprodução



## Cultura e investimento

Francisco Welfort  
Especial para o Correio

**A** parte mais importante de política de cultura de JK mal se distingue de sua política de investimentos. Exemplo: Brasília. E, como sabemos, Brasília é, evidentemente, investimento e cultura.

Caminhar para o Oeste, atrair a população para dentro do território, criar um novo rumo para a indústria do país, produzir cimento e ferro para construir Brasília, estimular arquitetos e urbanistas para desenharem uma nova capital para a República — tudo isso é, a um tempo, cultura e investimento.

Cultura e investimento, JK traz esta lógica binária de administrar desde a sua experiência na prefeitura de Belo Horizonte. Em Pampulha, criou obras de arte inovadoras e, junto com elas, um novo bairro para Belo Horizonte. Seguindo os novos rumos da cultura, a cidade buscou novas áreas para crescer, para se desenvolver. As obras de arte abriam caminho para o investimento.

Pampulha e Brasília — nos dois casos, lá está também o lago que suaviza a paisagem e a torna mais habitável. Pampulha para Belo Horizonte, Brasília para o Brasil. Para meu gosto, a melhor qualidade de JK é esta sua capacidade para ligar investimento e cultura.

Ninguém se surpreenda se o Brasil que renova a cultura é mesmo que restabelece a tradição. Temos repetido esta fórmula tantas

vezes na história que já não temos o direito de nos surpreender com ela. Como outros brasileiros modernos (nem todos).

**“JK é lembrado porque somos frutos**



EM JANTAR NA CASA DE AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, NO RIO DE JANEIRO EM 1959, JUSCELINO TROCA IDÉIAS COM GRUPO QUE INCLUI JOSUÉ MONTELLO E MENOTTI DEL PICCHIA

Conceição Freitas  
Da equipe do Correio

A lista dos amigos e assessores de Juscelino Kubitschek mais parece o rol dos convidados de um encontro nacional de escritores. Lá estão os poetas Augusto Frederico Schmidt e Alphonsus de Guimaraens Filho, os escritores Murilo Rubião, Abgar Renault, Cyro dos Anjos, Cristiano Martins, Autran Dourado, Carlos Heitor Cony, Antônio Houaiss, Josué Montello.

Não que Juscelino tivesse pretensão às letras, nada disso. Gostava da convivência com os escritores e, no poder, procurou-se deles para governar e, especialmente, para discursar. Tinha um time injeável de *ghost-writers* (Schmidt, Cyro e Autran entre eles) mas isso não o deixava paralisado diante de tantas cabeças ilustres.

O jornalista Claudio Bojunga, autor de *JK, O Artista do Impossível*, conta uma história que ouviu do embaixador Walter Moreira Salles, amigo de Juscelino. Num reunião de empresários, Salles ouviu Schmidt vangloriar-se de ser o autor do discurso que JK faria na ocasião. "Você vai ver que peça oratória Juscelino vai pronunciar." E pôs-se a antecipar as palavras que o presidente diria. Só que Juscelino fez o que fazia muitas vezes – abandonou o papel e continuou a falar, de improviso.

Vovava com as próprias palavras, mas cercava-se todo o tempo por gente boa de pensar e de escrever. Uma vez, em conversa com Murilo Rubião, Autran Dourado e Geir Campos, comentou: "Só os escritores são importantes, só ficam os políticos que sabem escrever". E deu um exemplo: César, o imperador de Roma, escreveu *De Bello Galico*. "Mas será que foi mesmo César que escreveu o livro?", perguntou, malicioso, um dos escritores. Bojunga conta essa história: "Juscelino riu e disse que não podia garantir, mas sabia que o que importava era que César o tinha assinado e que só assim passara à história".

E fez como queria; levou para o governo de Minas Gerais uma lista de gente das letras, entre os quais Rubião, Alphonsus de Guimaraens Filho, Nilo Aparecida Pinto, Fábio Lucas e Afonso Ávila. Para a Presidência da República, Schmidt, Autran, Cyro, Martins, Victor Nunes Leal (autor do clássico *Coronelismo, Enxada e Voto*).

## PALAVRAS E BORBOLETAS

Há quem veja nessa opção preferencial pelos escritores o desejo de garantir "luz e brilho para a face verbal de sua administração e neutralizar a perigosa inclinação oposicionista dos intelectuais", como escreve Humberto Werneck em *O Desatino da Rapaiziada*. Podia até ser isso, mas era muito mais. O filho da professora primária austera e do caixeiro-viajante boêmio privilegiou a imaginação, defende Bojunga. Certa vez, JK disse a Autran: "Espalha umas borboletas entre os parágrafos".

Muitos dos que desenharam borboletas nos discursos de Juscelino não se contêm diante do evidente brilho do presidente bossa nova e realçam com cores fortes sua participação nesse período refulgente da história brasileira. Autores do mesmo peçado, o de sobrepor a própria imagem à de JK, os escritores Josué Montello e Autran Dourado escreveram recentemente suas memórias desse tempo. O primeiro, *O Juscelino Kubitschek de Minhas Recordações*, o segundo, *Gaiola Aberta*.

"Muitos querem ser papagaio de pirata de Juscelino", diz Bojunga, no que concorda Carlos Murilo, ex-deputado federal, primo de JK. "Juscelino era um leitor voraz, lia muito e desde que era prefeito de Belo Horizonte vivia cercado de escritores, gostava de conviver com esse pessoal", lembra Murilo, que faz discreta crítica aos que hoje tentam realçar os próprios méritos às custas de JK. "Algumas coisas são inventadas", observa Murilo. Autran Dourado não precisava ouvir isso. É autor de duas grandes obras da literatura contemporânea, *Ópera dos Mortos* e *Uma Vida em Segredo*, mas são as memórias que escreveu sobre Juscelino derrapam num certo entalhecimento dos céptros intelectuais.

Mas Autran se recusa a falar sobre esse livro. Resume-se a dizer que Juscelino tinha "apreço pelos escritores".

Montello diz que ele e Tancredo Neves foram os únicos amigos de Juscelino no período mais difícil da sua vida, quando a ditadura militar lhe freou os movimentos. "Hoje aparece gente de todo lado, mas na época todo mundo sumiu", afirma o escritor, que tem 106 cartas manuscritas que lhe foram enviadas por JK, a última delas três dias antes de sua morte.

Muito antes de ser o autor de um dicionário, o filólogo Antônio Houaiss trabalhou na organização dos documentos do presidente. Em *O Artista do Impossível*, Houaiss descreve Juscelino como um "homem aberto, auditivo, receptivo, foi sistemático". Sem preconceitos ideológicos, "ficava grato a quem lhe trouxesse ângulos inesperados" e "ouvia adversários e opiniões discordantes". Sabia desprezar manobras, baixarias, torpezas, delações – e ainda tentava seduzir o adversário. O então deputado federal mineiro San Tiago Dantas bem o disse certa vez: "

Quem quiser ser inimigo de Juscelino deve ficar pelo menos a seis léguas de distância. O homem é uma pilha de simpatia humana." Talvez por isso, deixava todos com a impressão de que cada um era o amigo número um, o auxiliar imprescindível.

Augusto Frederico Schmidt, dono de uma cadeia de supermercados, escritor, editor, jornalista e político, foi um dos mais importantes assessores de JK. Schmidt ajudou Juscelino a formular a idéia de uma organização pan-americana na busca do desenvolvimento ao sul do Equador. Nem por isso, o presidente se curvava às supostas obrigações de amizade. Schmidt sonhava em ser chanceler. Disso JK sabia, mas nunca o indicou, porque não considerava o poeta-empresário uma boa escolha.

## BEM-VINDO, MALRAUX

*O presidente que vivia na roda literária foi aos céus quando o ministro da Cultura da França, André Malraux, visitou o Brasil e acompanhou a construção da nova capital. "Nossa viagem para Brasília (...) constituiu um verdadeiro deleite espiritual", descreve Juscelino Kubitschek em Por que Construí Brasília. Representando o presidente francês Charles De Gaulle, o autor de A Condição Humana foi recebido com as honras devidas. Lançou a pedra fundamental da Maison de France em Brasília, teve paciência para assistir a uma peça infantil que representava a vida de Joana D'Arc, apresentou JK com o mais espetacular discurso já feito sobre a construção da nova capital – no qual Malraux chama Brasília de "a capital da Esperança" – e antes de ir embora encheu Juscelino de vaidade: "Como o senhor conseguiu construir tudo isso, presidente, em pleno regime democrático? Obras como Brasília só são possíveis sob uma ditadura..."*

# JK e lembrado porque somos frutos das mudanças que ele introduziu no país

direito de nos surpreender com ela. Como outros brasileiros modernos (nem todos o são), Juscelino é também uma criatura do "modernismo". E, como sabemos, o "modernismo" no Brasil tanto serviu para renovar a nossa sensibilidade

cultural, e por este meio mudou o país, quanto para restabelecer em nós a memória do barroco e nossos deveres para com a preservação do patrimônio histórico. Tradição e inovação. Juscelino é, de modo exemplar, um homem dos binômios.

Mais conhecido pelo seu gosto pelas modinhas e serenatas que aprendeu em Diamantina e ajudou a difundir no Brasil, JK marcou a fase mais brilhante da bossa nova. Na política, como na música, o Brasil tentava ser moderno. Democrático e moderno. A época de JK é também a dos primeiros filmes de Nelson Pereira dos Santos e dos primeiros anos do cinema novo. Ao descobrir (redescobrir) os caminhos do Oeste, aprendíamos novos estilos de vida, admirávamos (no papel, já que eram ainda apenas projetos) os novos sonhos de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Ao mesmo tempo, assistíamos à acelerada implantação da indústria automobilística.

Depois de quase cinquenta anos de sua passagem pela Presidência da República, a grande pergunta a ser feita sobre JK é a seguinte: por que lembrá-lo? Por que JK não se esfuma, como tantos outros, na poeira do tempo? Creio que a resposta é a seguinte: JK é lembrado porque os que viemos depois somos, de certo, fruto das mudanças que ele introduziu, ou ajudou a desenvolver, no país. (Cito de memória uma reflexão de Cony sobre Getúlio Vargas que diz precisamente o que pretendo sugerir aqui sobre JK: "Não fosse Getúlio, dizia Cony", e eu estaria encantando cobra na cineLândia.") Ou seja, nós nos lembramos de JK porque ele passou pela nossa vida como um grande homem. E foi um grande homem porque ajudou a mudar a nossa vida para melhor. Eu creio que a sua capacidade de combinar cultura e investimento está na raiz disso tudo.

■ FRANCISCO WEFFORT É MINISTRO DA CULTURA